

A EDUCAÇÃO INTEGRAL E O OLHAR DAS FAMÍLIAS

Cibele Oliveira Dias¹

RESUMO: Este artigo tem por finalidade apresentar os resultados da pesquisa, que buscou investigar a concepção de educação integral das famílias, no sentido de compreendermos que significados atribuem a esse processo, o que observam nos alunos e que expectativas têm as famílias quanto ao Programa Mais Educação/Educação Integral no contexto contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Integral - Família - Escola - Comunidade - Mais Educação

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

No sentido de estudar os significados que as famílias atribuem à Educação Integral, tendo em vista que o Programa Mais Educação propõe mais convívio com a comunidade escolar, apresento neste artigo a visão da família em relação ao Programa.

O Programa Mais Educação/Educação Integral foi se concretizando ao longo dos anos, pelo MEC (Ministério da Educação), através da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade). Conta com possibilidades de uma educação integral, integrada e integradora, envolvendo escola, comunidade e cidade, desenvolvendo espaços de estar, viver e aprender, para além dos limites da escola e do restrito tempo de um turno escolar, dentro de uma política de governo que vem apostando na justiça social tendo a educação como meta e caminho. (ÁVILA, 2012).

O Programa foi criado, como uma estratégia de qualificar o atendimento em escolas de baixo IDEB (Índice de Desempenho da Educação Básica), onde a vulnerabilidade, risco social, situação de pobreza, dificuldade de permanência na

¹ Pedagoga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Professora da Rede Estadual de Cachoeirinha. Artigo apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização em Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea da UFRGS, com financiamento do FNDE. cibeledod@hotmail.com

escola, baixo rendimento escolar, defasagem idade/série e reprovação/evasão eram mais acentuadas.

O projeto prevê que as cidades sejam reconhecidas como Cidades Educadoras, reforçando a ideia de que o espaço para a Educação Integral e integradora é plural, ocorrendo para além do território da escola, quando outros agentes ganham visibilidade e assumem também responsabilidade com o processo educativo das novas gerações.

Nóvoa (2005), há 50 anos, referiu que estavam na escola crianças e jovens, na sua maioria de classe média, convencidos assim como suas famílias, que a escola era uma instituição inquestionável. Hoje na escola estão ricos e pobres, os que acham que a escola tem sentido e os que acham que não tem sentido nenhum.

Na situação brasileira, estão na escola além de alunos que continuam valorizando a instituição, alunos que as famílias não têm onde deixá-los, os que estão obrigados pelo Conselho Tutelar, os que precisam se manter na escola para não perderem a bolsa-família e os que vão para lá se encontrar com os amigos, para conversar, namorar e viver sua juventude. (XAVIER, 2010).

Conforme escreve Arroyo (2012), as condições e estruturas familiares de cuidado e proteção se tornam vulneráveis, inseguras ou são condenadas a formas indignas de sobrevivência. As relações humanas, familiares, de cuidado e proteção dos tempos da infância são ameaçadas quando as condições sociais, materiais e espaciais se deterioram.

A mãe, os irmãos, os parentes são obrigados a buscar longe as formas de sobrevivência, a procura de trabalho e de comida para uma infância desprotegida, ameaçada por formas indignas de viver. Sabemos que nas últimas décadas um dos movimentos marcantes nas periferias urbanas tem sido o movimento de luta pró-creche, pró-educação infantil, pró-mais tempo de escola para as crianças. Poderíamos interpretar esses movimentos, que se prolongam desde a década de 1970, como um movimento por mais direito à proteção, mais cuidado, mais tempo de dignidade para a infância popular.

Tendo presente as diferentes funções que vêm sendo exigidas da escola, como a educação das crianças em que muitas famílias estão se omitindo, a instrução que sempre foi o seu papel tradicional e a função de guarda tendo em vista que a cidade não é mais um lugar seguro para as crianças e jovens ficarem sós enquanto seus pais estão trabalhando (XAVIER, 2010), o Programa Mais Educação

vem como uma alternativa de promover a ampliação da jornada escolar, sob a perspectiva de uma escola integral, com mais tempo educativo, dentro e fora da escola, favorecendo o convívio com a comunidade e promovendo oportunidades e situações de aprendizagem.

Atualmente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Áurea Celi Barbosa tem 125 alunos que participam do Programa Mais Educação/ Educação Integral, divididos em cinco turmas, contando com seis monitores para desenvolver as oficinas de Letramento, Matemática, Recreação, Desenho, Esporte na Escola e Iniciação em Informática.

Essas observações despertaram o interesse e a curiosidade de investigarmos a concepção de educação integral das famílias, no sentido de compreendermos que significados atribuem a esse processo, o que observam nos alunos e as expectativas que têm em relação ao Programa Mais Educação/Educação Integral no contexto contemporâneo, para que possamos contribuir para aprimorar o processo educativo nas escolas e para a educação de modo geral, pois compreender os significados que as famílias atribuem ao que acontece na escola significa valorizar as relações entre escola, família e comunidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E UM BREVE DIÁLOGO COM A TEORIA

Conforme palavras de Francisco Imbernón (2009), a escola não é mais o que era há alguns anos (nem pode ser), nem os professores têm o mesmo papel. Suas funções mudaram; portanto, é preciso mudar sua forma de trabalhar.

Uma das possíveis alternativas que se apresentou nos últimos anos é a de converter a escola em uma comunidade de aprendizagem, ou seja, visto que a escola mostra-se impotente para educar sozinha todas as crianças em uma sociedade democrática, ela necessita da intervenção, de pleno direito, de todas as instâncias de socialização que intervêm na educação das crianças em um determinado contexto (família, associações, empresas, organismos oficiais, voluntários, administrações, entre outros). (IMBERNÓN, 2009)

Vários caminhos já foram trilhados em diálogo com ideias sobre educação integral ao longo do século XX. Entre eles, é preciso destacar duas iniciativas: as escolas parque, idealizadas por Anísio Teixeira e os centros integrados de educação pública(CIEPs), pensados por Darcy Ribeiro.

As duas propostas projetavam-se como políticas públicas e determinavam a ampliação do tempo escolar por meio de atividades nos campos dos esportes, artes, iniciação ao trabalho, entre outras. Porém, submetidas à descontinuidade das políticas sociais e educacionais, as duas experiências tiveram vida curta. (MOLL, 2009).

Parafraseando Jaqueline Moll (2009), a educação integral se caracteriza mediante o legado desses pensadores e as mudanças dos contextos históricos, é o reconhecimento da necessidade de ampliar e qualificar o tempo escolar, superando o caráter parcial e limitado que as poucas horas diárias proporcionam, em estreita associação com o reconhecimento das múltiplas dimensões que caracterizam os seres humanos. A parcialidade e a limitação em questão são agravadas por contextos territoriais de vulnerabilidade social que expõem crianças, adolescentes e jovens às violências simbólicas e físicas que marcam uma sociedade desigual, na qual as possibilidades de acesso à ciência, à cultura e à tecnologia estão vinculadas ao pertencimento a uma classe social.

Conforme o Texto Referência (2009) a escola desempenha um papel fundamental no processo de construção e de difusão do conhecimento e está situada como local do diálogo entre os diferentes saberes, as experiências comunitárias e os saberes sistematizados historicamente pela sociedade em campos de conhecimento e, nessa posição, pode elaborar novas abordagens e selecionar conteúdos. Dessa forma, o desenvolvimento integral dos alunos não pode ser considerado como responsabilidade exclusiva das escolas, mas também de suas comunidades, sendo que, somente juntas podem re-significar suas práticas e saberes. Desse modo, a instituição escolar é desafiada a reconhecer os saberes da comunidade, além dos que são trabalhados nos seus currículos, e com eles promover uma constante transformação tanto dos conteúdos escolares quanto da vida social.

A relação escola e comunidade pode ser marcada pela experiência de diálogo, trocas, construção de saberes e pela possibilidade de juntas, transformar-se em uma comunidade de aprendizagem, de modo que a interação entre as pessoas que atuam na escola e as que vivem na comunidade pode auxiliar a superação de preconceitos, de classe, raça/etnia, gênero, orientação sexual, geração, entre outros.

Consultando ainda, o Texto Referência (2009), para enfrentar o desafio de superar a fragmentação do currículo e do conhecimento escolar, é necessário investir na articulação entre as atividades pedagógicas da sala de aula e as da vida na família, no bairro e na cidade, por meio do uso dos equipamentos públicos e das práticas universitárias. A atuação dos profissionais da educação não se deve limitar aos espaços tradicionais da escola e, sendo relevante à valorização do trabalho e da cultura como princípios educativos. Ao falar de Educação Integral devemos considerar a questão das variáveis tempo, com referência à ampliação da jornada escolar, e espaço, com referência aos territórios em que cada escola está situada.

A ideia de redes sócio-educativas coloca-se na perspectiva de criar uma outra cultura do educar/formar, para explorar e desenvolver os potenciais educativos da comunidade. Reconhece que o ambiente social é espaço de aprendizagem e assim deve ser considerado pelos sujeitos que se enxergam como aprendizes permanentes da vida. A comunidade no entorno da escola também aprende a envolver-se com esse processo educativo e a reconhecer, como espaços educativos, uma praça, uma rua, um parque, uma biblioteca, um clube, um teatro, um cinema, uma associação de bairro, um pátio, entre múltiplas experiências e possibilidades de convivências nos territórios.

O Artigo 205 da Constituição Federal de 1988 determina que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”. Embora evidencie a prioridade do Estado no dever de garantir a educação, o referido artigo responsabiliza família e sociedade no dever de garantir o direito à educação. A articulação entre Educação, Assistência Social, Cultura e Esporte, entre outras políticas públicas, poderá se constituir como uma importante intervenção para a proteção social, prevenção a situações de violação de direitos da criança e do adolescente, melhorando o desempenho escolar e a permanência na escola, principalmente em territórios mais vulneráveis.

Destacando especificadamente a política educacional, a Educação Integral, será possível transformar a escola em contextos mais atrativos e adequados à realidade e às demandas de crianças e de adolescentes brasileiros e suas famílias, pois permite, a essa instituição, suplantar possíveis ideias de “hiperescolização” ou de instituição total e, aos governos, integrarem e ampliarem a cobertura de suas ações sociais.

Conforme escreve Jaqueline Moll (2009) o FUNDEB retomou o ideal de educação integral ao estabelecer o financiamento diferenciado para matrículas em tempo integral, contabilizadas pelo Censo Escolar nos registros da jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias.

Nesse contexto, o Governo Federal instituiu o Programa Mais Educação, por meio da Portaria Interministerial nº 17/2007, que integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Esse programa representa a estratégia do governo federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral. Trata-se de uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, com o desafio de colocar em diálogo as ações empreendidas pelos Ministérios da Educação, da Cultura, do Esporte, do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Ciência e da Tecnologia, juntamente com a Secretaria Nacional de Juventude e da Assessoria Especial da Presidência da República - esta última por meio do Programa Escolas-Irmãs.

A ampliação da jornada escolar busca o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e os diferentes atores sociais, com a coordenação da escola e dos professores. O governo federal financia atividades nos campos de acompanhamento pedagógico, educação ambiental, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, comunicação e o uso de mídias, investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Segundo escreve Jaqueline Moll (2009), precisamos associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas para a vida.

Para finalizar, quanto à definição de um paradigma contemporâneo de educação integral, é importante salientar que se o território da educação escolar no contexto da educação integral pode ser a cidade em suas múltiplas possibilidades e se a forma pode ser definida pela ampliação da jornada na perspectiva do tempo integral, é desejável que seus conteúdos dialoguem organicamente com temas que falem do que é estrutural para a vida em uma sociedade que se afirma como republicana e democrática.

Conforme afirma MOOL apud CAVALCANTE, 2009, p. 38:

Nossa cultura escolar ainda é focada no aspecto cognitivo e em conteúdos a serem decorados. A educação integral remete à integralidade da formação humana que se quer construir, levantando questões sobre como queremos que os jovens se insiram no mundo e se relacionem com os conhecimentos construídos pela sociedade e pela humanidade ao longo de sua história.

Nesse sentido, Jaqueline Moll (2009) escreve que será necessário a abertura fecunda da escola para a comunidade e da comunidade para a escola, já que não há possibilidade de educação integral em tempo integral sem novos pactos entre famílias, educadores e escola, por não se tratar da instauração da escola como instituição total, mas sim da articulação de um conjunto de possibilidades que qualifiquem a educação pública.

É preciso reconsiderar o papel da família como um lugar decisivo, no qual as crianças aprendem seus papéis, juntamente com os valores e as atitudes atribuídas a homens e mulheres. Para isso, é essencial reconsiderar o conjunto das atividades relacionadas com a organização dos horários nas cidades, com uma reorganização séria dos horários e da distribuição do tempo, de maneira que os adultos possam conciliar sua vida profissional e pessoal, já que, sem isso será difícil para as famílias recuperar o tempo e o espaço para educar seus filhos. (GÓMEZ-GRANELL e VILA, 2009)

É importante educar a pessoa em todas as suas potencialidades, não apenas as cognitivas ou intelectuais, mas também as afetivas, artísticas, espirituais, os valores, a saúde e o corpo. (YUS, 2009)

As crises da sociedade atual, da cidade, das instituições e dos valores democráticos que enfrentamos respondem ao surgimento de novas realidades que envolvem grandes desafios.

Considerando os conceitos teóricos analisados, ressalto a importância de olhar de perto às famílias, para entendê-las nas suas concepções, anseios e expectativas.

Que significados as famílias atribuem à educação integral?

METODOLOGIA

Partindo do objetivo da pesquisa que busca investigar os significados que as famílias atribuem à educação integral, este estudo baseou-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa, através de entrevistas semi-estruturadas, por meio de visita de campo, na residência de cinco famílias da comunidade escolar da Escola

Municipal de Ensino Fundamental Áurea Celi Barbosa, na cidade de Gravataí/RS, que possui o Programa Mais Educação/ Educação Integral.

Segundo escreve André (2008), a pesquisa qualitativa pode ser identificada como aquela que não envolve números, na qual qualitativo é sinônimo de não-quantitativo. As técnicas que podem ser consideradas como qualitativas vão desde a observação, até uma variedade de tipos de pesquisa que vão desde trabalhos descritivos, até os estudos históricos, estudos clínicos ou pesquisa -ação.

A seleção das famílias que foram entrevistadas aconteceu a partir do critério de acessibilidade, de acordo com a disponibilidade da família. Das cinco famílias previstas para realizar as entrevistas, foi possível investigar apenas quatro, pois uma teve imprevistos e não pode atender nos dias em que havíamos combinado. As entrevistadas foram todas mulheres, mães. Todas as mães entrevistadas trabalham fora de casa, nas áreas de limpeza, serviços gerais, servente e auxiliar de cozinha.

As entrevistas aconteceram em um período de dois meses, entre abril e maio de 2013, com duração aproximadamente de 30 minutos. Foram apresentadas quatro questões, sendo acrescentadas outras perguntas de acordo com o desenvolvimento da entrevista. Para tanto, realizei uma primeira conversa com cada mãe, retornando posteriormente em busca de novas informações.

As respostas obtidas na pesquisa levaram a uma entrevista com a Coordenadora do Programa Mais Educação na escola. Todas as entrevistas foram realizadas de modo informal, com base no roteiro a seguir.

Por que seu filho participa do Programa Mais Educação/ Educação Integral?

O que você observa em seu(s) filho(s) ao frequentarem o Projeto de Educação Integral?

O Programa Mais Educação/ Educação Integral traz contribuições para a família? Quais?

Que expectativas têm em relação à educação integral?

ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

Fui recebida de forma muito acolhedora por todas as famílias que se disponibilizaram a realizar a entrevista. Pareceu-me que elas se sentiram valorizadas pelo simples fato de serem ouvidas.

Iniciei as entrevistas perguntando o motivo que levava seu filho ou filha a participar do Programa Mais Educação/ Educação Integral na escola. Fazendo uma análise das quatro entrevistas realizadas, todas as respostas levavam para o mesmo caminho, em sua maioria faziam referência que a criança /adolescente tem uma ocupação no turno inverso da aula, ficam menos tempo na rua, sozinho em casa e na Internet. As famílias destacaram também a alimentação saudável e balanceada e a importância das atividades físicas que ajudam as crianças e adolescentes a serem mais ativas e não fiquem sedentárias. Destacaram que as crianças e adolescentes gostam das atividades propostas e aprendem mais com o reforço de matemática e português.

Pude perceber durante os questionamentos, que as famílias talvez nunca tenham parado para pensar sobre os reflexos do Programa Mais Educação/ Educação Integral dentro de casa. Fiquei encantada com as respostas obtidas. Em um dos relatos, a mãe utilizou a expressão “fica mais tempo assistida” para dizer que a criança tinha mais tempo de acompanhamento, de cuidado com um responsável. Elas se expressavam com palavras simples, porém objetivas, de uma forma que pudéssemos compreender a importância do Programa para a família.

Segui o roteiro da pesquisa perguntando o que a família observa em seus filhos ao frequentarem o Projeto de Educação Integral. Considerando a maioria das respostas, surgiram as questões de afetividade, socialização e desenvoltura. As mães percebem que eles estão mais exercitados e desenvolvem melhor suas atividades, citando novamente que as crianças gostam muito de participar do Programa e a importância do reforço para seus filhos. Repararam que há um crescimento tanto na disciplina quanto na aprendizagem, que seus filhos estão mais integrados e têm mais amigos. Em uma das falas, a mãe diz que depois que sua filha começou a participar do Projeto, está menos tímida e expõe com mais clareza suas ideias para o grupo e para a família.

Dando sequência aos questionamentos, investiguei as contribuições que o Programa Mais Educação/ Educação Integral traz para a família. A maioria das mães afirmou que quando seus filhos passam mais tempo na escola, acabam gerando benefícios na renda da família, no sentido da alimentação, porque fazem as refeições saudáveis na escola. Outro fator bastante citado foi o de não precisar deixar seu filho sozinho em casa, como comprova a fala de uma das mães entrevistadas: “se ela não ficasse no Mais Educação, eu teria que pagar alguém

para ficar com ela durante a manhã”. As mães mencionaram também que ao participar da Escola Integral seus filhos ficaram mais responsáveis e organizados.

Para finalizar a pesquisa, questionei sobre as expectativas da família em relação à educação integral. Inicialmente, pareceu-me que algumas mães não haviam compreendido essa questão, precisando reformulá-la com outras palavras, para que pudesse dizer o que esperavam desse projeto.

Surgiram respostas dizendo que esperavam que seus filhos continuassem aprendendo mais, que as crianças e adolescentes tivessem mais respeito com os monitores, aprendessem mais sobre direitos e deveres e que o projeto possa tornar cidadãos melhores. Nesse sentido, Chalita (2001) escreve que a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo cumplicidade nos filhos. O esforço educativo não pode ser feito apenas pela escola, já que ela não tem sozinha - nem pode ter - a responsabilidade pela educação de valores. (GÓMEZ-GRANELL e VILA, 2009)

Algumas respostas me surpreenderam, conforme palavras ditas pelas mães, o Programa Mais Educação/ Educação Integral é uma “coisa boa, traz união e uma integração global com a comunidade”. Outra fala que se destacou foi: “a escola está no caminho, com uma educação ampla e integrada com a comunidade”.

Através dessas falas, percebe-se que as mães têm clareza das questões da escola. Tem consciência do que é o Programa Mais Educação/Educação Integral e que estão cientes da importância da participação da comunidade na escola.

A seu modo, a família acabou nos trazendo afirmações contidas no Texto Referência para o debate nacional sobre educação integral (2009), em que se afirma que a escola de turno integral contempla tempos e espaços escolares com a vivência de novas oportunidades de aprendizagem, para a reapropriação pedagógica de espaços de sociabilidade e de diálogo com a comunidade local, regional e global.

A análise das respostas encontradas instigou a busca de outras informações complementares que pudessem esclarecer esse conhecimento revelado pelas mães.

Conforme sugestão da minha orientadora, retornei às famílias, em a busca de evidências que justificassem a riqueza das falas obtidas na pesquisa. Busquei informações referente ao nível de escolaridade das mães que entrevistei. Apenas uma das mães concluiu o ensino médio, as outras tinham formação no ensino

fundamental. Questionei se faziam ou fizeram algum curso profissionalizante, e qual seria, apenas uma mãe, a mesma que concluiu o ensino médio, disse que fez curso de informática básica. Perguntei também se elas recebiam algum benefício do governo, duas mães disseram que são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família. E a fim de descobrir como tiveram o conhecimento para responder as questões da pesquisa, perguntei se elas tiveram algum atendimento pelo CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), todas declararam que não.

Considerando essas respostas, elaborei uma entrevista com a Coordenadora do Programa Mais Educação na escola, questionando se a escola promove alguma reunião para explicar como é o funcionamento do Programa Mais Educação para os pais. Segundo a Coordenadora, no início do ano letivo, a escola realiza uma reunião com a família para esclarecer as dúvidas e explicar os verdadeiros objetivos do projeto, deixando claro que a escola não "é creche", e sim uma oportunidade para que os alunos em situação de vulnerabilidade, carentes e que necessitam de reforço, possam, no turno inverso ao seu período de aula, ampliar seus tempos e espaços com atividades lúdicas, práticas e dinâmicas, favorecendo um desenvolvimento integral.

Com referência à participação da família na escola, a Coordenadora relatou que há pouco envolvimento dos pais. A maioria procura a escola para colocar o filho na educação integral, porque precisa trabalhar, para ocupar a criança ou o adolescente neste horário. Nenhum pai procurou para falar da importância do Programa e da necessidade para seu filho.

Embora seja apenas uma amostra de quatro famílias, é significativo que as respostas apontaram todas para o mesmo caminho, percebe-se que as famílias têm conhecimento do que é o Programa Mais Educação/ Educação Integral.

Algumas respostas se cruzam afirmando que a escola ainda é considerada um espaço de ocupação e cuidado para as crianças e jovens. Nesse sentido Xavier (2010) escreve que programa constitui-se na luta por uma escola mais viva, de modo que se rompa, também, gradativamente, com a idéia de sacrifício atrelada ao ensino formal e, por outro lado, de prazer a tudo que é proposto como alternativo ou informal. A possibilidade de articular o que se faz na escola no turno oficial, em que ocorrem as aulas ditas regulares, com o que se faz no contra-turno, exige a elaboração de um projeto político pedagógico aberto à participação e à gestão compartilhada de ações convergentes à formação integral de crianças

e jovens. Do contrário, poderá estar apenas sendo capturado o tempo livre de tais crianças e jovens, em um processo de hiper escolarização, com a pretensão de que na escola ficarão mais seguros, mais cuidados ou de que aprenderão mais permanecendo por mais tempo na instituição, ou seja, oferecendo-lhes mais da mesma coisa, o que as experiências nesta direção têm mostrado não ser um bom caminho. (XAVIER, 2010)

Vejo que há um grande distanciamento entre a escola e a família, além disso podemos perceber que parece não haver comunicação entre as partes. Acredito que este trabalho poderá mostrar para a escola, que família tem conhecimento e valoriza o Programa Mais Educação/ Educação Integral, talvez não tenham tido a oportunidade de serem escutados. Penso que agora estamos em outro tempo, e que seja o momento para resolver os problemas da educação de modo cooperativo - família , escola e comunidade.

Apostar seriamente na educação exige articular um sistema amplo de participação que permita a vinculação dos diferentes agentes educativos que atuam na comunidade, também requer uma grande vontade de inovação e equilíbrio entre o sonho e o que é possível. (GÓMEZ-GRANELL e VILA, 2009)

Nesse sentido, o Programa Mais Educação/ Educação Integral vem para articular a relação entre os saberes que as famílias e comunidades apresentam com os saberes promovidos pela vida escolar, afim de viabilizar uma interação de responsabilidade coletiva da sociedade em geral, pela educação das nossas crianças e adolescentes.

Isso evidencia a necessidade de uma parceria entre escola, família e comunidade para uma inovação pedagógica na busca de novos caminhos, estratégias e possibilidades para uma educação que realmente possa ser dita como integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esse estudo, estava ansiosa, insegura e curiosa com o fato de sair de dentro da escola e me deslocar para dentro da comunidade, sem saber as famílias iriam, realmente, me receber e que respostas poderia encontrar.

Acabei superando minhas expectativas e saindo encantada com as respostas encontradas. Contrariando o que muitas pessoas dizem a respeito da educação integral, que muitas crianças vão para escola somente para se alimentar ou porque

não tem onde ficar no turno inverso, enquanto seus pais estão trabalhando, esse estudo nos mostra o quanto o Programa Mais Educação está fazendo a diferença na vida das famílias e dos nossos alunos que participam do projeto de educação integral.

Através da pesquisa bibliográfica que embasa este artigo, uma das leituras despertou minha atenção por começar o primeiro capítulo falando da família, demonstrando a enorme preocupação com essa instituição. Chalita (2001), afirma que é nela que se forma o caráter. Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas do incentivo, em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola.

Por melhor que seja a escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó ou avô, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo. A família tem de acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares. (CHALITA, 2001)

Fica claro a necessidade do diálogo e uma constante articulação da escola com a família e com a comunidade aproveitando os espaços e os saberes para o enriquecimento do currículo escolar.

O desencontro entre a escola e a família se traduz na dificuldade da ampliação de aprendizagens, produção de conhecimentos, potencialidades e possibilidades de buscar novos caminhos para ressignificar a cultura escolar.

Faz-se necessário repensar nos sentidos e objetivos da educação com uma proposta participativa e de responsabilidade coletiva entre escola, família e comunidade, para se consolidar de fato no desenvolvimento integral dos alunos.

Conforme Xavier (2010) será enfrentando a distância que hoje caracteriza as relações entre escola e comunidade que poderão ser ampliadas à dimensão das experiências educadoras na vida dos estudantes, promovendo uma maior qualificação da educação das crianças e jovens brasileiros. A escola é desafiada a reconhecer os saberes que se situam além de seus currículos e com eles desenvolver vias de mão dupla, ou seja, vias capazes de promover uma constante e fértil transformação tanto dos conteúdos escolares, como da vida social. O desafio

desta relação está na capacidade de escuta e de trocas que consigam ser estabelecidas.

Concluo que os objetivos da pesquisa foram atingidos contando com o interesse, participação e colaboração da família e da escola que contribuíram para que possamos refletir sobre esses espaços.

A escola e a comunidade exercem um papel fundamental na construção das aprendizagens das crianças e adolescentes, são verdadeiros espaços educativos, tendo em vista que com cooperação e diálogo contribuem para o desenvolvimento de saberes, conhecimentos e valores que produzirão efeitos na vida dos alunos da comunidade.

Ampliar as oportunidades de vivências, experiências e cultura significam democratizar e otimizar os espaços disponíveis na escola ou fora dela, a fim de melhorar a qualidade de vida social, afetiva e emocional dos vários agentes educacionais que formam a comunidade de aprendizagem: alunos, a universidade, a escola, professores, as equipes docentes, as famílias, a comunidade local e de todos os envolvidos com o processo educacional. Cada um desses agentes traz, ao Programa Mais Educação/ Educação Integral, elementos valiosos que contribuem para que este perdure a longo prazo. (IMBERNÓN, 2009)

A família torna-se a cada dia mais consciente da sua responsabilidade para a qualidade da educação, comprovando a necessidade de ações pedagógicas que fortaleçam e recuperem as parcerias e participação coletiva dos diversos atores juntos à escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 14 ed. São Paulo: Papiros, 2008.

ARROYO, Miguel G. O direito a tempos-espaços de um justo e digno viver. In: Moll, Jaqueline (Org) **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

ÁVILA, Ivany Souza. Por entre olhares, danças andanças, os alfabetismos, letramentos, na perspectiva da educação integral. In: Moll, Jaqueline (Org) **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

CAVALCANTE, Meire. Mais oportunidades. In: **Pátio Revista Pedagógica**, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

Educação Integral: texto referência para o debate nacional. – Brasília: Mec, Secad, 2009.

GÓMEZ-GRANELL, Carmen; VILA, Ignácio. A cidade como projeto educativo. In: **Pátio Revista Pedagógica**, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. As comunidades de aprendizagem e o novo papel do professor. In: **Pátio Revista Pedagógica**, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.

MOLL, Jaqueline. Um paradigma contemporâneo para a educação integral. In: **Pátio Revista Pedagógica**, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.

NÓVOA, Antonio. In: Xavier, Maria Luisa M. Escola contemporânea: o desafio do enfrentamento de novos papéis, funções e compromissos. In: Bujes, Maria Isabel H. e Bonin, Iara T. (Org) **Pedagogias Sem Fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

XAVIER, Maria Luisa M. Escola contemporânea: o desafio do enfrentamento de novos papéis, funções e compromissos. In: Bujes, Maria Isabel H. e Bonin, Iara T. (Org) **Pedagogias Sem Fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

YUS, Rafael. Um paradigma holístico para a educação. In: **Pátio Revista Pedagógica**, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.